

EDUARDO DE ALMEIDA NAVARRO

# Um texto anônimo, em língua geral amazônica, do século XVIII

**EDUARDO DE  
ALMEIDA NAVARRO**  
é professor de Tupi  
Antigo e Nheengatu  
(Língua Geral) na  
FFLCH-USP e autor  
de, entre outros,  
*Método Moderno de  
Tupi Antigo – a Língua  
do Brasil dos Primeiros  
Séculos* (Global).



*Vocabulario da Lingoa* é um dicionário manuscrito da língua geral falada no século XVIII em quase toda a Amazônia brasileira e também em territórios hoje pertencentes à

Venezuela, ao Peru e à Colômbia. Essa língua foi aquela em que se expressou a civilização amazônica, que se definiu a partir da inserção dos índios no mundo do colonizador branco mediante sua escravização ou pela mestiçagem. Dezenas de povos indígenas diferentes a falaram. Índios de diferentes línguas e culturas conheciam-na. Com ela passou a se formar o Brasil caboclo do Norte, a civilização ribeirinha da maior região do país.

Até 1877 essa língua foi mais falada que o português na Amazônia, inclusive nas suas cidades, grandes ou pequenas, situadas às margens dos seus rios e igarapés: Belém, Manaus, Macapá, Santarém, Tefé, Óbidos, etc. Somente naquele ano é que o português a sobrepujaria no norte do Brasil, quando mais de quinhentos mil nordestinos, fugidos da seca, migraram para a Amazônia.

A língua geral amazônica, ainda falada no vale do Rio Negro e, desde o século XIX, chamada também *nheengatu*, é irmã da língua geral meridional, que desapareceu no início do século XX. Esta se irradiara a partir da capitania de São Vicente para Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso e para as capitanias do sul do país, seguindo o rastro dos paulistas, que avançavam com suas entradas

e bandeiras. Essas línguas gerais deixaram traços profundos nos nomes geográficos e na língua portuguesa do Brasil.

O manuscrito donde colhemos o texto que ora traduzimos está guardado na Biblioteca Nacional de Portugal, em Lisboa, sob o número 569. É anônimo, mas sua leitura permite-nos concluir que foi escrito por um missionário, talvez jesuíta, poucos anos antes da expulsão de sua ordem religiosa do Brasil, ocorrida em 1759. É a única literatura conhecida em língua geral amazônica que nos veio do Brasil colonial. É, portanto, texto preciosíssimo. Divide-se em três partes. A primeira e a terceira já se encontram editadas, com suas respectivas traduções<sup>1</sup>. Publicamos, agora, a segunda parte, que porta, no manuscrito, o título de “Narração que Faz um Sertanejo a um Seu Amigo de uma Viagem que Fez pelo Sertão”.

As três narrativas, em versos, foram escritas por um mesmo autor. Nas duas primeiras, temos um narrador a falar em primeira pessoa e, ao que parece, em caráter autobiográfico. Na terceira história, vemos-lo a narrar fatos na pessoa de um outro indivíduo, real ou imaginário. A intenção literária fica, assim, explícita.

Na presente narrativa, vemos um antigo apresador de escravos a falar de suas peripécias pelo interior do Grão-Pará. Ela é um retrato da vida cotidiana na Amazônia e, especificamente, no Pará, em meados do século XVIII. Ali vemos o catolicismo popular com seus santos, seus sincretismos e práticas mágicas, suas desobrigas, que aquietavam as consciências dos católicos com os sacramentos, mas sem transformar suas vidas. Vemos também a escravização dos índios com a cumplicidade de seus pares, os conflitos dos traficantes com os padres em aldeamentos, a corrupção dos agentes do Estado, a vida nos aldeamentos e comunidades ribeirinhas, a menção a antigas localidades, a prostituição e, até mesmo, a carência alimentar dos tempos coloniais.

Eis o texto e sua tradução. Não seguiremos a pontuação do texto original na tradução por ter sido ele escrito de forma muito livre.

1 Eduardo Navarro, “A Escravização dos Índios num Texto Missionário em Língua Geral do Século XVIII”, in *Revista USP*, 78. São Paulo, CCS-USP, junho-julho-agosto de 2008, pp. 105-14. Idem, “O Corista Europeu. Tradução de um Texto Anônimo, em Língua Geral da Amazônia, do Século XVIII”, in *Língua e Literatura*. São Paulo, FFLCH-USP, n. 27, 2009.

## NARRAÇÃO QUE FAZ UM SERTANEJO A UM SEU AMIGO DE UMA VIAGEM QUE FEZ PELO SERTÃO

Ixé copixápe catú  
Aimōgatyrō ygaručú,  
Äèbè Apyabetà oçopár,  
  
Äé abé cöytè oiporacár  
Mojú cotý auatáuata  
Xe tutýra còpe apytá  
Oporandüb äé ixébo,  
Maiabépe nde pyà indébo?  
Umamepe catú ereçó?  
Abápe abé nde irúmo oçó?  
Aé ixupé: Iepuxàpe,  
Tapyýietà recoçàpe  
Mocōi Caraíba reté,  
Umambäé xe moeté;  
Ixe irúnamo oço potár,  
Xe abé inhëenga aporacár.  
Äé xe Tutýra teité  
Oinongucár cetá miapè:  
Bejú xíca recè anhëeng,  
Meza poçáme ocamëeng  
Ëí ixébo: tiambäèú  
Co mirî áira tembiú;  
Mojù çupí i porëauçub,  
Aipò recè äé noçauçub.  
Comandaí, tacacá abé,  
Çupí catú äú ára iabé.  
Arecò tres taráyra,  
Ëu, ëi, nde xe raýra.  
Cobè catú eté, aé ixupé,  
Icatù pyry erëù nde;  
Ixe çocé nde tüibäè,  
Temiù recè ereicotemè.  
Mocōi çupíá, ëí, arecò,  
Äé bé äú ára iabiõ;  
Äé çupí xe mōapycýc,  
Xe righè ipýpe catú ocýc.  
Taráyra äú äéreme,  
Amò tembiú noicoreme  
I cangoéra xe mocanëõ,  
Çupí Sam Braz xe pycyrõ.  
Mirí caõi tatà oróú,  
Orocäú çupí catú,  
Nití ocanhem xe çuí ára,

Eu, nos sertões<sup>2</sup>,  
conserto navios  
quando os índios deixam de seguir seu  
[caminho.  
Eles também, afinal, os abarrotam<sup>3</sup>.  
Para Moju<sup>4</sup> eu viajava,  
ficando na roça de meu tio.  
Perguntou ele a mim:  
– *Qual é tua intenção?*  
*Para onde vais?*  
*Quem vai contigo?*  
Disse a ele: – *Para Iepuxaba,*  
*aldeamento de muitos tapuias*<sup>5</sup>.  
*Dois senhores (vão comigo)*<sup>6</sup>.  
*Cada um deles me respeita;*  
*comigo querem ir.*  
*Eu também obedeço a suas palavras.*  
Ai, aquele meu tio  
mandou colocar muitos pães  
(falo dos beijuxicas<sup>7</sup>)  
na mesa enfeitada e os ofereceu.  
Disse-me: – *Vamos comer*  
*esta pouca comida.*  
Moju, na verdade, é pobre.  
Por causa disso, ele não a aprecia.  
Feijões e tacacás<sup>8</sup>  
comia eu todo dia.  
– *Tenho três traíras,*  
disse ele. *Come-as tu, meu sobrinho.*  
– *Muito bem,* disse eu a ele,  
*é melhor que tu as comas;*  
*tu és mais velho que eu;*  
*precisas de comida.*  
– *Tenho dois ovos,* disse ele;  
*isso eu como cada dia.*  
Ele, na verdade, me consolou,  
chegando bem ao fundo da minha barriga.  
As traíras comi, então,  
por não haver outra comida.  
Suas espinhas me cansaram<sup>9</sup>.  
Na verdade, São Brás me livrou (delas)<sup>10</sup>.  
Um pouco de aguardente bebemos,  
ingerimos muita pinga.  
Não perdi o juízo,

- 2 O termo que aqui o autor emprega para *sertão* é *copixaba* (*kopir + sab + -a*), isto é, *lugar em que se carpe, roçado*.
- 3 Os apresadores de índios levavam-nos em navios ou canoas, muitas vezes em péssimas condições. Há documentação que mostra que muitos deles perciam nessas viagens.
- 4 Moju é uma localidade do atual estado do Pará.
- 5 A análise interna do texto permite-nos concluir que ele foi escrito por um missionário em meados do século XVIII, mas antes de 1757. Isso porque ainda vigia o regime de aldeamentos indígenas sob o comando de padres, que foi abolido por Pombal naquele ano, quando, então, as missões foram laicizadas e transformadas em Diretorias de Índios sob o comando de autoridades civis.
- 6 Isto é, certamente dois negociantes de escravos.
- 7 Beijuxica é um “bolo de farinha de mandioca, pouco espesso e mais rico de tapioca, torrado de forma a se tornar quebradiço quando fresco” (Stradelli, 1929, p. 520).
- 8 Tacacá é um prato típico da Amazônia, uma sopa de goma de tapioca com tucupi, jambu, camarão e pimenta.
- 9 Isto é, por serem demasiadas.
- 10 São Brás nasceu na cidade de Sebaste, Armênia, no final do século III. Foi um médico que se converteu ao cristianismo, tornando-se bispo daquela cidade. Foi degolado durante o reinado de Licínio, imperador do Império Romano do Oriente, em 316 d.C. Segundo uma velha tradição, quando ele se dirigia para o martírio, uma mãe apresentou-lhe uma criança de colo que morria engasgada por causa de uma espinha de peixe na garganta. Ele teria curado milagrosamente aquela criança, passando a ser considerado, desde então, o santo protetor da garganta.

Acuáb mirí xe cüapára.

Anhenong kyçàba pupé,  
Akér cöemramèbé,  
Opicám üán catù cöaracý,  
Apàc cöyté; xe abé ambyacý.  
Ixé Tutýra tüübäé,  
Ixe irúnamo oiemböé,  
S<sup>ta</sup> Cruz çupí oromonhang,  
Padre Nosso abé oroçãang.  
Tacacà oröü äé rirè,  
Nití oiecüáb amò mbäé;  
Äé almoço mirí eté oicó,  
Aanangái ruã äé aroirö.  
Aiepabòc potar cöytè;  
Ajùricò xe tutýra gué,  
Erepotárpe mbäé amò?  
Nde nhëenga rupí aicò.  
Ecoäi, éí, xe anama guí,  
Erür oiepè cunumí,  
Oiepè abè cunhà mucu,  
Acepymeëgne catú.  
Äéreme, auiebéte, äé,  
Toicò xe irùmo Tupã eté.  
Äé xe pytybóneme  
Indebo arúr äereme  
Ygàruçù pupè äár üán,  
Apyabetà onhemoçainán;  
Oiapucuitàba opycýc,  
Coritéi Camutápe acýc.  
Äépe cüápára çüí,  
Aiár cetá mbäé mirí,  
Traçados, mocabas abé,  
Aipobäé xe möabäetè.  
Mocöi ára riré catù,  
Acepiác cöyté Araticù;  
Açó çapyà Pai robaké  
Amëeng papéra ixupé.  
Opauán éí Apyabetà;  
Ixupé anhëengätã;  
Acepiác, éí Pai corí,  
Cunumi goaçú mirí,  
Ipýri carúcmc açò,  
Paí iëbýr papéra opycóç;  
Cecè omäé catù catù:  
Noicói, éí, Apyabuçú,  
ybyrareregoàra guí,  
Ecenöi Pacicú miri:  
Icò cunumí, éí, icatubé,

conhecendo um pouco os meus  
[companheiros.

Deitei-me na rede,  
dormi durante toda a manhã.  
Já fustigava bem o sol.  
Acordei, afinal; e eu tinha fome.  
Meu velho tio  
comigo aprendeu:  
fizemos o sinal da Santa Cruz;  
rezamos também o Padre Nosso.  
Tacacá tomamos depois disso.  
Não se via outra coisa.  
Aquele era o diminuto almoço;  
de modo nenhum o enjeitei.  
Queria partir, afinal:  
– *Eis que me vou*<sup>11</sup>, *ó meu tio.*  
*Queres alguma coisa?*  
*Estou às tuas ordens.*  
– *Vai, ó meu amigo,*  
*traze um rapaz,*  
*uma moça também*<sup>12</sup>.  
*Eu te pagarei bem.*  
Então eu disse: – *Muito bem!*  
*Que esteja comigo o Deus verdadeiro.*  
*Se ele me ajudar,*  
*a ti os trarei, então.*  
Dentro do navio embarquei.  
Os índios fizeram provisões,  
pegaram os seus remos.  
Logo cheguei a Camutá<sup>13</sup>.  
Ali dos conhecidos  
tomei muitas pequenas coisas,  
traçados<sup>14</sup> e armas de fogo.  
Isso me deu coragem.  
Depois de dois dias, precisamente,  
vi, enfim, Araticu<sup>15</sup>.  
Fui logo para diante do padre;  
dei um papel a ele<sup>16</sup>.  
Disse ele: – *Acabaram-se os índios.*  
Diante dele gritei.  
Disse o padre: – *Verei hoje*  
*um rapazinho;*  
*de tarde vou para junto dele.*  
O padre novamente o papel estendeu;  
para ele olhou muito bem.  
Disse: – *Não há índios adultos,*  
*ó comandante.*  
*Chama o pequeno Francisco*<sup>17</sup>.  
Disse ele: – *Esse menino é melhor;*

11 Figueira (Arte, 1687, p. 141) ensina-nos que esse era o cumprimento de despedida. A fórmula perdurou até o século XVIII, pelo menos, conforme vemos no texto.

12 Isto é, o tio pedia escravos.

13 Também chamada *Cameté*, nome de localidade do Pará, às margens do Rio Tocantins.

14 Metátese de *terçado*, variedade de espada de folha curta.

15 Araticu era o aldeamento onde o traficante queria apresar índios. É também nome de um rio afluente do Amazonas.

16 Isto é, deu-lhe um documento qualquer; lavrado por alguma autoridade corrupta de Belém, autorizando-o a apresar índios.

17 Francisco era o nome do menino que o padre estava oferecendo ao traficante, talvez querendo enganá-lo com uma falsa promessa.

Oicò cüáb cacáo recé.  
 Auiebéte ixupé anhëeng,  
 Icò pitùba ereimeeng,  
 Aipyà monghetà cöyté,  
 Agoacem corí abá reté.  
 Oicò ygarupàpe catú  
 Mocöi ygàra puçaçù,  
 Oiepé xe irúmo araçó,  
 Tupã recé acéár amó.  
 Açò copixába rupí,  
 Aicò goaràma apyábarí,  
 Agoacem apyába cetá;  
 Moçapýr nhò aimonghetà.  
 Amëeng cetà mbäe ixupé,  
 ygárpe óar moçapýrbé;  
 Aiepabóc cöyté i xuí,  
 Oroçó oré rapé rupí.  
 Araçò Guavicurú içoàra  
 Mocöi apyàba cüapàra,  
 Cecè aierobiár etè etè  
 Míra pycycára reté.  
 Paí róca robaké catú  
 Acepiác parreiral uçù,  
 Uuas ogoerecò cetá,  
 Maiaué catú äé itauá.  
 Pái çuí çupí aieruré,  
 Ēí, nití äé itauà eté,  
 Deiranhé bé itiarō catú  
 Deiranhèbé cëe catu.  
 Amondò pyçajeramè  
 Apyába balaio pupé,  
 Amò abè saca ogoeraçó,  
 Catù oiporacár saca nhó,  
 Äépe cecóreme amò Pai,  
 Nití cecatëým ixuí,  
 Oiepè nhó möacáruçù,  
 Çupí catú nopouçú.  
 Pai çuí uvas noieruré  
 Möacára recé iabareté,  
 Oimondò mamalúceté  
 Oipödi çüér opabenhé.  
 Äé rirè opocápocà,  
 Ocuàb Caraíba cetá,  
 Iabáteté cecò aíba mirí  
 Notí, nem mirí, nem mirí  
 Arucaxápe nití acýc,  
 Äé Paí nöxemöapycyc,  
 Ixuíçoàra araçó abé,  
 Moçapýr catú apyábeté.

*sabe trabalhar com cacau*<sup>18</sup>.  
 Disse-lhe: – *Muito bem,  
 eis que me deste alento.*  
 Pensei, afinal:  
 – *Encontrarei bons homens.*  
 Havia no navio  
 dois barcos novos.  
 Um comigo levei;  
 por Deus deixei o outro.  
 Fui pelo sertão  
 para buscar índios.  
 Achei muitos índios.  
 Conversei somente com três.  
 Dei muitas coisas a eles.  
 Na canoa embarcaram os três;  
 parti, enfim, dali.  
 Fomos pelo nosso caminho.  
 Levei uns que moravam em Guavicuru<sup>19</sup>,  
 conhecidos de dois índios.  
 Neles confiava muitíssimo:  
 verdadeiros apressadores de gente.  
 Bem diante da casa do padre  
 vi um grande parreiral;  
 muitas uvas tinha.  
 Estavam bem roxas.  
 Pedi ao padre por elas.  
 Disse ele: – *Elas não estão bem roxas;  
 ainda não estão bem maduras;  
 ainda não estão bem doces.*  
 Fiz ir, de madrugada,  
 um índio com um balaio;  
 outro também levou saca.  
 Encheu bem somente a saca,  
 por estar ali outro padre.  
 Ele não foi avaro delas.  
 Um só renque<sup>20</sup>  
 não recusou, na verdade.  
 Não pediu as uvas ao padre.  
 Nos renques o padre  
 mandou um mameluco  
 colher todas.  
 Depois disso ficou rindo.  
 Conhecia muitos brancos.  
 Foi terrível seu pequeno mau ato;  
 não se envergonhava nem um pouquinho.  
 A Arucaxaba<sup>21</sup> não cheguei;  
 aquele padre não me agradava.  
 Levei moradores dela, também;  
 três índios, exatamente.

18 O cacau é uma das drogas do sertão, nativo das cabeceiras dos grandes rios da floresta amazônica, donde passou para a América Central e sul do México (uma variedade conhecida como *Criollo*, que foi cultivada pelos astecas e maias) e para a Amazônia toda (a variedade conhecida como *Forastero*). O nome com que é conhecida tal planta provém da língua náuatle (*kakauatl*). Ele ainda hoje é encontrado em estado silvestre, sob as grandes árvores da floresta, já que é uma planta umbrófila. O cultivo do cacau começou oficialmente no Brasil em 1687, por meio de Carta Régia que autorizava os colonizadores a plantá-lo em suas terras. Foi no Pará que o cacau começou a ser plantado no Brasil, donde se alastrou para outras partes do país, principalmente, para o sul da Bahia, em meados do século XVIII.

19 Aldeamento missionário não identificado.

20 Isto é, renque ou fila de parreiras. O padre não se importou com que o ladrão furtasse as uvas de um dos renques do parreiral, mas mandou um mameluco, seu criado, colher as dos outros...

21 Nome de um aldeamento não identificado.

22 Nome de um aldeamento não identificado.

23 Os próprios índios, muitas vezes, ofereciam-se ao trabalho servil, buscando alguns favores dos traficantes de escravos, como bebidas inebriantes, o que lhes era proibido nos aldeamentos comandados pelos missionários. No caso aqui narrado, contudo, eles enganaram o apresador de índios, recebendo deste vários presentes, sem se deixarem cativar.

24 A tradução literal de “*Cunhã poxí membýretà*” seria os “filhos da mulher ruim”. O autor usou uma expressão eufêmica, de que não temos em português uma similar.

25 Localidade situada na foz do Rio Amazonas. Ali os portugueses haviam construído um forte em 1639 para conter o avanço dos holandeses pela Amazônia. Nele viviam militares.

26 *Tapuio*, no presente texto, é o mesmo que *índio* ou *mestiço de índio*.

27 Isto é, na cozinha do barco.

28 Grafamos *piráem*, mas no original há um til sobre o e.

29 No tupi antigo, *kyre’ymbaba* é índio valente e bravo, valentão, guerreiro. Opõe-se, pois, a índio cristianizado, manso, civilizado.

30 Com efeito, a foz do Rio Xingu fica bem próxima de localidades anteriormente referidas.

31 Os remadores dos barcos eram, invariavelmente, índios. Sendo essa uma função muito penosa e parca a alimentação deles, grande era a sua mortalidade, sendo necessário sempre novos braços escravos.

32 Gurupatuba era uma aldeia de índios situada às margens de rio do mesmo nome, o núcleo original do atual município de Monte Alegre, nome atribuído ao lugar por Francisco Xavier de Mendonça Furtado, irmão do Marquês de Pombal, em 1758, com o objetivo de impor a língua portuguesa na Amazônia, enfraquecendo a língua geral. A vila, à feição lusitana, foi oficialmente fundada por ele, mas a partir

Tagipurù rupí auatá,  
Oiecuáb Apyába cetá,  
Ixébo cöytè oiepè éí;  
Taçó ndé irùmo S<sup>er</sup> güí.  
Ixé rorý catù cecé,  
Amöapycýc opabenhé:  
Seý apyába oporepymëeng;  
Cetà mbäé ixupé amëeng.  
Xe renöi agoéra bäé,  
Corí, éí, ajúr Senhor gué,  
Taraçò ranhé cò mbäé  
Ixe róca teitè pupè.  
Iabè onhëeng opabenhé,  
Oçëar aóama ombäé:  
Oreiebýr eçapyà catù  
Çupí noroicöi, éí, pucú.  
Noiecuàb rüã apyabetà,  
Açarõ, açarõ ára cetá,  
Çupí catù açarõ tenhé,  
Oiemocarái xe recé.  
Xe pyäibeté äéreme,  
Apyába noiebyreme;  
Mondabóruçú çupí oicó,  
Oimopòr anhangá recó.  
Cunhã poxí membýretà,  
Noçauçub Caräíbetá  
Iandé çüí nocykyié,  
Nití abé iandé möetè.  
Gurupápe acýc cöyté,  
Açó Capitam robaké:  
Mbäé etá recé oporandúb,  
Tapyiyetá nhó anhandúb,  
Sargento, Soraretà abé  
Fumo xe çüí oieruré;  
Aé: cosinha pupé oicò,  
Icatù ixuí peraçò.  
Opabenhè opocàpocá,  
Ogoeraçó petýmätã  
Oiepé nhó xe möetè,  
Oimëeng ixébo piráem<sup>28</sup>.  
Tucuretá tápe nacýc;  
Copixába rupí apycýc,  
Çupí catù quatro apyába  
Opacatù kyrymbába.  
Xingüpe nití açó potár,  
Cetá catú apyába apapár,  
Naimopucú potár ára,  
Nouatâr iapucuitára.  
Gurupatyé açó çupí,

Por Tajipuru<sup>22</sup> andei;  
apareceram muitos índios.  
A mim, enfim, um disse:  
– *Hei de ir contigo, ó senhor*<sup>23</sup>.  
Eu fiquei muito feliz por isso.  
Agradei a todos;  
a seis homens retribuí,  
muitas coisas dando a eles.  
O que me chamou  
disse: – *Venho logo, ó senhor.*  
*Hei de levar primeiro estas coisas*  
*para minha casa.*  
Assim, falaram todos os  
que deixariam suas coisas:  
– *Voltamos logo;*  
*na verdade não demoramos.*  
Não apareceram os índios.  
Esperei, esperei muitos dias;  
na verdade esperei em vão.  
Brincaram comigo.  
Eu fiquei muito irado, então,  
por os índios não terem voltado.  
Agiram como grandes ladrões, de fato;  
obedeceram às determinações do diabo.  
Os filhos da puta<sup>24</sup>  
não gostam dos brancos;  
não têm medo de nós  
nem nos respeitam.  
A Gurupá<sup>25</sup> cheguei, enfim,  
indo diante do capitão,  
por muitas coisas perguntando,  
os tapuios<sup>26</sup>, somente, observando.  
O sargento e os soldados  
pediram-me fumo.  
Disse: – *Na cozinha está*<sup>27</sup>;  
*é bom, levai dele.*  
Todos ficaram rindo:  
levaram tabaco duro.  
Um somente me agradeceu:  
deu-me peixe salgado.  
À aldeia de Tucuretá não cheguei.  
Pelo sertão apanhei  
quatro índios,  
todos valentes<sup>29</sup>.  
Ao Xingu<sup>30</sup> não quis ir:  
contava muitos índios;  
não queria estender o dia;  
não faltavam remadores<sup>31</sup>.  
A Gurupatuba<sup>32</sup> fui, na verdade,

Xe rorý aóama mirí;  
 Tres Tupã Remimonhanga  
 Xe çuí opotár poçanga.  
 Äé mocöi Uataçara,  
 Xe irunamobè igoára,  
 Oimëeng poçanga cetá  
 Ixé abé anhemopurātā,  
 Tres àra catú äépe aicó,  
 Mocöi ruão peça aipyçó,  
 De bertanha bé moçapýr,  
 Aanangài rüã aimoiapýr.  
 Cavados de primavéra abé  
 Dozè ogoeraçó opabenhé,  
 Fitta çuí varas cetá,  
 Napapàr cúaíb caöi tatà.  
 Apytã porëauçüba,  
 Anhanga remiauçüba,  
 Iabé catú xe rerecò,  
 Cetá mbäé äé ogoeraçó.  
 Anhemombëú uán cecé,  
 Paí xe iacaò eté eté:  
 Ereimböacýpe catú?  
 Oporandù Paí Pacicú.  
 Aimböacý etè Paí guí,  
 Naicöi Tupã recó rupí  
 Xebo äé Tupã monhyrö,  
 Xe mbäé coéra aiacëó.  
 Acëár Gurupátüba,  
 Umáme naicó pitüba,  
 Amò ára pupè äèpe açò,  
 Xébo cöyté Tupã nhyrö.  
 Amondòc ucár muncüba,  
 Cecé oicò Iacumáüba,

Omonhang cem pocoaçába,  
 Çupí ocýc cò papaçàba.  
 Topajópe cöyté acýc,  
 Nãbà äépe xe möapycýc;  
 Icatú pyrý curabé,  
 Naimocucáo xe mbäé.  
 Pyçaieramé oiepe öür,  
 Cuias oguerúr moçapýr,  
 Caöi amëeng ixupé,  
 Äé, eimocüár nde iöecé  
 Xe pyri öür soraretá,  
 Oieruré mbäé cetá,  
 Mocacüí, monição abé,  
 Petýmabé, e paratíe<sup>43</sup>.  
 Pecepiác cöyr carúc uán,

para me divertir um pouco.  
 Três obras de Deus  
 de mim quiseram uns enfeites<sup>33</sup>.  
 Aqueles dois viajantes  
 que estavam comigo  
 deram(-lhes) muitas miçangas.  
 Eu também me deleitei a valer.  
 Três dias ali estive.  
 Duas peças de Ruão<sup>34</sup> estendi  
 e três de Bretanha<sup>35</sup>.  
 De modo algum eu as dobrei<sup>36</sup>.  
 Cávados de primavera<sup>37</sup> também,  
 doze, levaram todos<sup>38</sup>,  
 muitas varas<sup>39</sup> de fita.  
 Não saberia calcular a aguardente.  
 Fiquei miserável,  
 escravo do diabo.  
 Bem assim me trataram;  
 muitas coisas elas levaram.  
 Já me confessei a respeito disso.  
 O padre me repreendeu muitíssimo:  
 – *Arrependeste-te bem?*  
 perguntou o padre Francisco.  
 – *Arrependi-me muito, ó padre;*  
*não agi conforme a lei de Deus.*  
 A mim ele apaziguou a Deus.  
 Minhas coisas antigas chorei.  
 Deixei Gurupatuba  
 para onde não estou manchado.  
 Um outro dia ali fui;  
 a mim, enfim, a paz de Deus.  
 Mandei cortar uma monguba.  
 Nela trabalhou um piloto.

Fez cem talhos<sup>40</sup>.  
 Na verdade, bastou esse número.  
 Ao Tapajoz, enfim, cheguei;  
 ninguém ali me fez agrado;  
 era melhor um curabi<sup>41</sup>.  
 Não fiz passar minhas mercadorias.  
 De madrugada veio um,  
 e trouxe três cuias.  
 Dei pinga a ele.  
 Disse eu: – *Cuida de ti.*  
 A mim vieram soldados;  
 pediram muitas coisas<sup>42</sup>:  
 pólvora, munição também,  
 fumo e parati doce<sup>44</sup>.  
 Vede agora que entardeceu.

de aldeamento feito por padres capuchinhos junto aos índios da antiga aldeia de Gurupatuba.

33 Isto é, três prostitutas.

34 Isto é, tecido de linho que se fabricava em Ruão, na França.

35 Antigo tecido fino, de linho ou de algodão, proveniente da região francesa de Bretanha. O traficante estendeu pelo chão panos finos para se deitar com prostitutas.

36 Isto é, não dobrou os panos depois do comércio sexual porque as mulheres os levaram consigo...

37 Uma variedade de vinho verde, produzido na sub-região de Cávado, no noroeste de Portugal, uma das mais importantes regiões vinícolas do país. As parreiras ali são cultivadas com outras plantas, sobre as quais trepam (*vinha de enforcado*), desenvolvendo-se longe do solo. As que crescem sobre o milho de regadio desenvolvem-se na primavera e no verão. Daí cremos provir a expressão *cávados de primavera*, porque é vinho que provém de uvas crescidas durante aquela estação em Portugal.

38 As prostitutas levaram embora doze garrafas daquele bom vinho...

39 Antiga unidade de medida de comprimento, equivalente a cinco palmos, ou seja, 1,10 m. Porção de tecido com o comprimento dessa medida (in *Dicionário Caldas Aulete*)

40 Ele, aí, se refere à construção de uma canoa a partir de uma única tora de munguba, árvore bombacácea. Com cem machadadas, somente, o índio piloto do barco fez uma canoa.

41 Pequena flecha ervada, de uso entre os indígenas do norte do Brasil.

42 Ele narra, aqui, uma situação de esbulho feito por soldados. Ele se livrou, porém, deles, partindo de madrugada,

43 Com til sobre o e, no original.

44 Parati é nome de uma variedade de aguardente produzida originalmente na localidade de mesmo nome.

(Iabé soraretà aganan)  
 Uirandè patuá çüí aiöóc,  
 Pyçaieramè aiepabóc.  
 Açação nhò Pauxí rupí,  
 Nambäé apotár i xüí;  
 Acýc potár iepurápe;  
 Apytà mirí çaracàpe.  
 Abacaxípe abé aiepotár;  
 ygàra äépe aiporacár:  
 Cinco apyàba catú araçó,  
 Paí nhemíma rupí nhó.  
 Aierurè iepé ixüí,  
 Çupí catù catuçába rupí;  
 Äé opocà nhó xe recé,  
 Nem mirí, éí, nem oiépé.  
 Lá me dyse p<sup>a</sup> o Leste,  
 Ia que yso mesmo quizeste,  
 E bem podias alcançar,  
 Como à qui não há q arranhar  
 Modestamente respondi eu;  
 Irei andando Padre meu:  
 Só lhe peço p<sup>a</sup> jantar,  
 O q tiver p<sup>a</sup> me dar<sup>47</sup>.  
 Oiepe nhó capitari  
 Oguerür ixébo icunumí;  
 Cöyté amäé çóca recé,  
 Çupí catú xe nde mböé.  
 Corí xébo erecepymëeng:  
 Piloto äéreme onheeng:  
 Mbäé ripe nde pyäíba?  
 Nitípe nde Caräíba?  
 Acuáb copixába cetá,  
 Çupí äépe oicò apyábetà;  
 Tiaraçò apyàba äé çüí,  
 Paí topycyrò nde çüí.  
 Copixába rupí auatà,  
 Acepiác carapinetà,  
 ygaruçú catù oimonhang,  
 Caöi äéreme oçäng.  
 Xe çüí nití oiabàb,  
 Cetà catú ixüí xe cuáb;  
 Cinco nhó xe irùmo araçó,  
 Amò ygàra recé toicò.  
 Xe rakicoéra cöytè öür  
 Mamalüco Paí omböür;  
 Äé onhemöabäeté,  
 Oçacéçacémbé eté eté.  
 Xe iacaó maiabé catú;  
 Äé: ecekendáo nde jurù:

Assim enganei os soldados:  
 tirei a sorte do patuá<sup>45</sup>;  
 de madrugada parti.  
 Passei somente pelos pauxis<sup>46</sup>;  
 nada quis deles.  
 Queria chegar a Japuraba;  
 fiquei um pouco em Saracaba;  
 a Abacaxi também aportei.  
 A canoa ali enchi;  
 cinco bons índios levei  
 escondido do padre.  
 Pedira um deles.  
 A bem da verdade,  
 ele só riu de mim.  
 – *Nem pequeno nem um só,*  
*lá me disse. – Para o Leste,*  
*já que isso mesmo quiseste*  
*e bem podias alcançar,*  
*como aqui não há o que arranhar*  
*modestamente respondi eu,*  
*irei andando, Padre meu;*  
*só lhe peço para jantar*  
*o que tiver para me dar.*  
 Só um capitari<sup>48</sup>  
 trouxe-me um menino seu.  
 Enfim, olhei para sua casa:  
 – *Na verdade eu te ensino;*  
*hoje a mim pagarás.*  
 O piloto, então, disse:  
 – *Por que estás irado?*  
*Não és cristão?*  
*Conheço muitos sertões*  
*onde há muitos índios.*  
*Levemos índios dali.*  
*O padre os livre de ti.*  
 Andei pelo sertão;  
 vi muitos carpinteiros  
 que faziam um bom navio.  
 Pinga então provaram;  
 de mim não fugiram.  
 Muitos deles me conheciam.  
 Cinco somente comigo levei  
 para trabalharem noutra barco.  
 Atrás de mim, enfim, veio  
 um meluco; trouxe o padre.  
 Ele se irritou;  
 ficou gritando muitíssimo;  
 brigou muito comigo.  
 Disse eu: – *Fecha tua boca.*

45 A palavra *uirandé* (em tupi antigo *oirandé*, "amanhã", "o dia seguinte") passou a significar também, na língua geral amazônica, futuro, sorte, sina. *Patuá*, no sentido usado no texto, é "um objeto de devoção formado por dois pequenos quadrados de pano bento, com orações escritas ou uma relíquia, que os devotos trazem ao pescoço" (in *Dicionário Caldas Aulete*). No caso acima, o traficante, que estava sendo explorado por soldados corruptos, decide partir por ter consultado seu patuá, onde deviam estar escritas frases diversas, que ele interpretou como lhe parecia mais correto.

46 Indivíduo dos pauxis, povo indígena extinto que habitava a foz do Rio Xingu, no Grão-Pará.

47 Aqui reproduzimos o texto que, originalmente, está em português.

48 *Capitari* é o macho da tartaruga, de carne não muito boa.

Onhecamëeng amöetà,  
Cöyté nití ònhëengãtã  
Orobàc ucár ygàra,  
Nhynhnguár i pyà piàra;

Coritéi çobajúba abé,  
Çupí catù äé ocykyié.  
Piloto xebo omombëú.  
Iqué recòì oca catú,  
Amäé äereme cecé,  
Çupí, aé, nití nde poité.

Eçapyá acem ygára çuí,  
Açó cöyté äé oca rupí,  
Aporandù goaimí çupé;  
Icó oca abà mbäetäé?  
Xe Paí copixába róca,  
Äé xe porëauçubóca,  
Ëí goaimí: aicotemé,  
Copixába oimëeng mbäé  
Xe iopói iepè xe Mãy guí,  
Auiebète cepý rupí,  
Çupí catú xe ambyacý,  
Äé recè ajúr iqué cotý.  
Nambäé arecò Senhor guí;  
Iabé éí ixebó goaimí;  
Nitípe çapucáia?, aé;  
Nouatâr iqué amò mbäé.  
Çapucáia cetà oicouè;  
Paí rëymbába opanhé;  
Ndébo çupi naimeengcüáb,  
Xe rí tenhé nde putupáb.  
Ixé nde Paí camarára,  
Nde Paí abé xe rauçupára;  
Ereicò cüáb xe iopoitàra,  
Aipó opotár Iandé Iára.  
Noicóí cöyté goaimí poxí  
Xe nhëénga catù rupí:  
Çapucáia apycýc ucár,  
Quatro panacù aporacár.  
Goaimí cöyté oçacëçacem;  
Xe Paí çupéne, éí, amocém<sup>52</sup>

Icò nde recò aíb uçú;  
Nde recène oicó Paí guaçù:  
Äé: nde nambäé ráma,  
Xe remiauçúba rama,  
Icatubé xe nde reraçó,  
Ixe copixápne ereicò.

Ofereceram-se outros<sup>49</sup>.  
Enfim, não vociferou mais.  
Mandamos mudar a direção do barco.  
Confrangidas estavam as defesas de seu  
[coração;

logo ficou pálido também.  
Na verdade, ele tinha medo.  
O piloto a mim anunciou:  
– *Aqui está uma boa casa.*  
Olhei, então, para ele  
e disse: – *Mas não te convidaram para*  
[comer.

Imediatamente saí da canoa;  
fui, enfim, através daquela casa<sup>50</sup>.  
Perguntei a uma velha:  
– *Esta casa é de quem?*  
– *É a casa da roça do meu padre.*  
*Ele é o que se compadece de mim,*  
disse a velha. – *Preciso*  
*de um roçado que dê mantimentos.*  
*Alimenta-me tu, ó minha mãe,*  
*ó sim, por remissão (dos teus pecados).*  
*É muita a minha fome;*  
*por isso eu vim para cá.*  
– *Nada tenho, ó senhor;*  
assim me disse a velha.  
– *Nem uma galinha?* eu disse.  
*Não falta nada aqui.*  
*Há muitas galinhas,*  
*todas criações do padre.*  
– *A ti na verdade, não posso dá-las;*  
*comigo não te abasteces.*

– *Eu sou camarada do teu padre;*  
*teu padre é também meu amigo;*  
*podes me alimentar;*  
*isso quer Nosso Senhor.*  
Não agiu, enfim, a velha má  
segundo minhas boas palavras.  
Mandeí pegar as galinhas;  
enchi quatro panacus<sup>51</sup>.  
A velha, então, ficou gritando,  
dizendo: – *A meu Padre mandarei fazer-te*  
[pagar  
*este teu ato muito mau.*  
*Contigo o bispo vai brigar.*  
Disse eu: – *Tu nada (farás).*  
*Como minha escrava*  
*eu posso te levar;*  
*nos meus roçados estarás.*

49 Isto é, mais índios manifestaram-se dispostos a se entregar ao apressador de escravos, voluntariamente, em troca de aguardente e de outras coisas que ele lhes dava.

50 As casas eram muito compridas, cobertas de sapé, com um vasto copiar; aberto. Daí o autor dizer que foi através da casa.

51 Variedade de cesto, com tampa; canastra.

52 O verbo *mocém* significa *fazer sair*. Stradelli traduz *mucema* por *remir, livrar, resgatar*. O sentido que esse verbo adquiriu no século XVIII tinha, certamente, um conteúdo religioso, sendo ele usado com o sentido de *expiar* (pecados, atos maus, etc.).

Aipobäe anhëengramè  
 Goaimí oiabáiabáb eté,  
 Apocá maiabé catú,  
 ybýpe xe reityc pocà uçú.  
 Aiepabòc äé çüí,  
 Pai rëymbába äú pe rupí,  
 Çupí catú ikyrá goaçú.  
 Äé abé turuturuçú.  
 Iabé ixébo ocepymëeng,  
 Capitarí recé anhëeng,  
 Iabè catù aimböe äé Paí,  
 Cöyr tonhëeng xe rí  
 Morobixába, Ovidor abé,  
 Aanangàì oicò xe recè,  
 Paì cupè anhemombëú uàn,  
 Morandùba cöyté opauan.  
 Tupã çupí turuçú eté,  
 Inhyrò opabenhé cupé,  
 Auiebetè angaipáb uçú,  
 Ixüí Tupã turuçú.  
 Tupã morauçubár uçú,  
 Iandé rauçúb çupí catú,  
 Opotar nhó iaimböacy,  
 Aipobäe nití çacy.  
 Iepuràpe acýc cöytè,  
 Açò tapyýia recé  
 Ygarupápe aiepotár,  
 Tubixába acenõí ucár.  
 Öür júri rubixába,  
 Opópe ogoerúr mocába,  
 Ī irúnamo aiecotýár vel  
 Cecè catù aiecotýár<sup>57</sup>  
 Inhëengabé aiporacár,  
 Aipyrupán cetá mirí  
 Cunhãmucú etá, e Cunumí,  
 Oropycýc cetá catú,  
 Opabenhé cunumí goaçú,  
 Coritéité aiepabóc,  
 Paranà rupí aiparabóc,  
 Moçapýr tüübäe uçú,  
 Çupí ocepiác pytún uçú.  
 Moçapýr bé goaimí reté  
 Çakycóera amondó cöytè,  
 Aänangàì öú cüáb öí,  
 Aanangáité abé öú caõi.  
 Ycyryca irúmo auatà,  
 Pauxípe aanangàì apytá,  
 ypytera rupí oroçó,  
 Oiecuáb uán Cäapöð.

Quando eu falei isso,  
 a velha desatou a fugir.  
 Ri bastante;  
 no chão um grande riso fez-me cair.  
 Parti dali.  
 As criações do padre comi pelo caminho.  
 Elas estavam realmente bem gordas;  
 elas também estavam bem grandes.  
 Assim me pagaram.  
 Falei ao capitão:  
 – Assim bem ensinei aquele padre.  
 Agora hão de falar de mim  
 o Governador, o Ouvidor também.  
 Não me interessa de modo algum.  
 Ao padre já me confessei.  
 As notícias afinal se acabaram.  
 Deus é, de fato, muito grande.  
 Ele perdoa a todos  
 um grande pecado;  
 Deus é maior que ele.  
 Deus é muito compassivo.  
 Ele nos ama de verdade;  
 quer somente que nos arrependamos.  
 Isso não é difícil.  
 A Jepurá<sup>53</sup> cheguei, enfim.  
 Fui por causa dos tapuios;  
 cheguei ao porto;  
 mandei chamar o tuxaua<sup>54</sup>.  
 Veio o chefe dos iuris<sup>55</sup>.  
 Em suas mãos trazia pólvora.  
 Com ele me aliei<sup>56</sup>;  
  
 obedeci a suas palavras.  
 Comprei muitos pequenos,  
 muitas moças e meninos.  
 Apresamos muitos,  
 todos os rapazes.  
 Logo parti.  
 Pelo rio escolhi  
 três velhos, bem velhos.  
 De fato enxergam na escuridão<sup>58</sup>.  
 Três velhas também.  
 Segui-os, então, enfim.  
 De modo nenhum podiam comer farinha;  
 de modo nenhum bebiam pinga.  
 Com o rio que corria eu viajava.  
 Nos pauxis não fiquei de modo algum.  
 Fomos pelo meio do rio;  
 apareceu uma ilha:

53 Localidade não identificada.

54 *Tuxaua* é o mesmo que *cacique*, o chefe de um grupo indígena.

55 Indivíduo dos iuris, povo indígena extinto.

56 Veja-se que o próprio chefe de um grupo indígena (os pauxis) era conivente com a escravização de seus companheiros.

57 O texto apresenta uma expressão variante, com o mesmo sentido. O termo *vel* é latino, significando *ou*.

58 Era bem conhecida a habilidade dos índios em guiar as embarcações, inclusive à noite, por sua grande acuidade visual. Claude d'Abbeville fala-nos disso: "Durante nossa viagem de regresso, os índios que trazíamos conosco, muito antes de qualquer tripulante, percebiam os navios no horizonte graças a sua vista maravilhosa".

Gurupà cäapoõ äé  
 Mirí nhó ixúí acykyié,  
 Oroçò cäapõõ rupí,  
 Apocà mocabõca uí.  
 Xe copixápe catú acýc,  
 Tapyiyetà amõapycýc,  
 Xe irunamogoàra çupé,  
 Aimëeng quatro tuibäé,  
 Nābà xe çúí oipycyrõ,  
 Cecé nābá xe mocanëõ,  
 Cöecenheým xe cópe oicó,  
 Çupí xe tomaramo amó.  
 Anhemombëú uán cecé  
 Eimëeng umé abá çupé,  
 Ēí Paí: eimocüár abé cecé,  
 Nde räyretà iabé.  
 Aé; cobé catù eté eté.  
 Ah Tupā ocuáb aipobäé!  
 Maíabé ì irúmo aicò,  
 Maiabé äé xe rerecó.  
 Cöýr çupí xe anga aganan,  
 Tëõ rí nanhemõçainán  
 Co ára mbäé rí aiporará,  
 Çupí na xe anga recé rüã.  
 Aruanëým eçapyà ipò  
 Xe pýri öurne xe rëõ;  
 Mbäépe äéreme agoacem?  
 Mbäé pabe ocanhem  
 Aipyà monghetà potár,  
 Pái catù corí acecár;  
 Taicò porëauçubóra,  
 Xe rëõ riré ybakipóra.

Coritéi i có ára oçaçáo,  
 Amò recobé nití opáb,  
 Quatro nhó tapyýia recé,  
 Acanhemne auieramanhè!  
 Xe cüapàra agoéra omanó,  
 Umámepé ì angoéra oçó?  
 Äé tapyiyetà oipocoár abé,  
 Ocëár öanáma çupé.  
 Xe anáma ambyra cetá  
 Opocoàr tapyiyetà;  
 Mbäépe cöýr ogoacem?  
 I angoéra ipò ocanhem.  
 Opatú icò ára mbäé,  
 Mbäé rámapé opabenhé?  
 Ocanhem ramé xe angoéra,  
 Ocanhem abé xe mbäé coéra.

era a ilha de Gurupá.  
 Tive um pouco de medo dela.  
 Fomos pela ilha;  
 estourei pólvora.  
 Cheguei à minha roça;  
 matei a fome dos tapuios  
 e aos que moram comigo  
 dei os quatro velhos.  
 Ninguém os libertou de mim.  
 Ninguém me perturbou por causa deles.  
 Antigamente estavam em minha roça.  
 É verdade que eu tomei outros.  
 Já me confessei disso<sup>59</sup>.  
 – *Não os dê a ninguém,*  
 disse o Padre; – *Cuida também deles*  
*como de teus filhos.*  
 Disse eu: – *Eis que tudo está muito bem.*  
*Ah, Deus sabe disso!*  
*Assim como estou com ele,*  
*assim ele me tem consigo.*  
 Agora, é verdade que minha alma enganei,  
 com a morte não me preocupei,  
 pelas coisas deste mundo eu sofri  
 e não por minha alma.  
 De forma inadequada, de súbito  
 a mim virá minha morte.  
 Que, então, hei de encontrar?  
 Todas as coisas desaparecem.  
 Quero meditar.  
 Um bom padre procurarei  
 para que eu me penitencie  
 e, após minha morte, um habitante do céu  
 [(eu seja).

Logo este mundo passa,  
 a vida do outro não acaba.  
 Por causa de somente quatro tapuios  
 hei de me perder para sempre!<sup>60</sup>  
 Meus antigos conhecidos morreram.  
 Para onde suas almas foram?  
 Eles apresaram tapuios também;  
 deixaram-nos para seus parentes.  
 Meus parentes, muitos são defuntos.  
 Apresaram tapuios.  
 Que encontram agora?  
 Suas almas certamente se perderam.  
 Todos os bens deste mundo,  
 para que todos eles?  
 Se minh'alma se perde,  
 desaparece também o que foi meu.

59 O apresador de escravos mostra que era considerado pecaminoso escravizar pessoas velhas para o trabalho penoso das roças. Havia, assim, uma ética na escravidão, que os conselhos do padre, expressos nas linhas seguintes, deixam ainda mais explícita.

60 Ver nota anterior.

## CONCLUSÕES

O texto que lemos acima ilustra bem as contradições da sociedade colonial brasileira, em que a escravidão indígena, embora condenada em vários momentos por documentos da Igreja e por cartas régias, subsistia como elemento necessário para a ordem econômica vigente. A colonização da América, nas partes em que o modelo econômico agroexportador dominou, não podia prescindir da mão de obra escrava. Toda a nossa história colonial foi dominada por esse dilema insuperável entre a moral cristã, ferida frontalmente pela brutalidade do apresamento de centenas de milhares de seres humanos, mesmo em tenra idade, para o trabalho forçado nas fazendas, nas minas, nas casas de família, nos conventos, nas tropas, nas embarcações, e a necessidade premente que o capitalismo mercantil tinha desses braços para colonizar um continente imenso e fortalecer a economia de alguns Estados europeus.

Muitas vezes crítica, muitas vezes cúmplice, a Igreja não podia passar ao largo dessas contradições. Se ela produziu espíritos proféticos como Bartolomeu de Las Casas, que abertamente pugnaram contra a

escravidão dos índios, também medraram à sombra do catolicismo colonial muitos espíritos tacanhos que se acomodaram a uma situação que o Antigo Regime referendava. Catolicismo de resignação, de salvação da alma, de pastoral exclusivamente sacramental, útil para a justificação das iniquidades sociais, foi, às vezes, incômodo para o *statu quo* vigente.

A língua geral, em que o texto acima está escrito originalmente, ainda é falada no vale do Rio Negro, no estado do Amazonas, região que, por seu isolamento, permitiu que ela ali perdurasse. Ali ainda a ouvimos nas comunidades ribeirinhas, nas vilas e cidades, nos castanhais e nos igarapés. Ali ainda temos ideia do que foi a vida no estado do Maranhão e Grão-Pará, independente do estado do Brasil e administrado à parte deste até a independência do nosso país.

E quanto desse tempo ainda existe nessa Amazônia profunda, que ainda não foi afetada pelo agronegócio, sendo resquício de um Brasil antigo, de rostos caboclos, com canoas a singrar incessantemente os seus cursos d'água, com muitas histórias contadas por seus habitantes, que ainda veem o Curupira na floresta e monstros terríveis nos seus rios...

---

## BIBLIOGRAFIA

- D'ABBEVILLE, Claude. *História da Missão dos Padres Capuchinhos na Ilha do Maranhão e Terras Circunvizinhas*. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo/Belo Horizonte, Edusp/Itatiaia. 1975.
- IBGE. Cidades. In <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/>.
- NAVARRO, Eduardo. *Dicionário de Tupi Antigo – A Língua Indígena Clássica do Brasil*. São Paulo, Global, 2011.
- STRADELLI, Ermano. "Vocabulários de Língua-Geral Português-Nheengatu e Nheengatu-Português", in *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, vol. 158. Rio de Janeiro, 1929.
-